

Coberturas telejornalísticas sobre a morte: ponderações sobre o Jornal Nacional

Michele Negrini¹

Resumo

A morte constantemente tem valor como notícia no telejornalismo. No Jornal Nacional, diversos casos sobre a finitude humana fazem parte da pauta cotidiana. Alguns casos, dependendo de suas especificidades, ganham mais espaço e recebem coberturas mais aprofundadas. Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre coberturas jornalísticas de morte no Jornal Nacional, levando em consideração o gênero televisivo como uma categoria cultural como uma perspectiva analítica. Para tanto, vamos discorrer sobre a cobertura do JN ao assassinato da adolescente de Santo André, Eloá Pimentel; à morte do astro Michael Jackson; e à tragédia da boate Kiss.

Palavras-chave: Morte. Telejornalismo. Jornal Nacional.

Abstract

Death constantly has value as News on television journalism. On Jornal Nacional, a series of cases about the human finitude take part on the day-to-day schedule. Some cases, depending on its specificities, gain more space and receive a more in-depth coverage. This article aims to make a reflection on journalistic coverage of death in the National Journal, taking into account the television genre as a cultural category as an analytical perspective. To do so, we will talk about the coverage of JN on the murder of the teenager of Santo André, Eloá Pimentel; the death of pop artist Michael Jackson; and the tragedy of Kiss nightclub.

Keywords: Death. Television Journalism. Jornal Nacional.

Aspectos Introdutórios

¹ Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutoranda na UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC). Email: mmnegrini@yahoo.com.br

A televisão tem destaque entre os veículos de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem ampla relevância no cotidiano dos públicos. Para Rezende (2000, p.31): “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”.

Fechine (2006) salienta que a TV consegue fazer a articulação entre o individual e o coletivo, sincronizando o cotidiano das pessoas com o de grupos sociais bem mais amplos. “Produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se manifesta pela co-presença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECHINE, 2006, p. 1-2). Vale destacar que no decorrer do processo histórico, a TV tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de focar os conteúdos apresentados, o que implica em ressignificações dos produtos televisivos.

Entre os programas televisivos, cabe dar destaque aos telejornais. Vizeu e Correia (2008) entendem o telejornal como um lugar de referência para o seu público, local semelhante ao que é ocupado pela família, pelos amigos, pela escola, pela religião e pelo consumo.

Gomes e Menezes (2008) assinalam o telejornalismo como uma instituição social, na perspectiva de Williams (1997. p. 22). Elas também apontam o telejornalismo como uma construção social, por se desenvolver numa formação econômica, social, cultural particular e por cumprir suas funções fundamentais nessa formação.

Vale destacar pensamento de Gomes (2011a) sobre o jornalismo televisivo:

Acreditamos que é preciso compreender o programa jornalístico televisivo como uma forma cultural específica de lidar com a notícia na TV. Em outros termos, consideramos que os programas telejornalísticos são uma variação específica dentro da programação televisiva, enquanto compondo, no seu conjunto, um gênero - programa jornalístico televisivo, que obedece a formatos e regras próprias do campo jornalístico em negociação com o campo televisivo. (GOMES, 2011a, p.1-2)

Um programa jornalístico televisivo, como uma forma cultural específica de tratamento das notícias na televisão, é um espaço de apresentação de diversos assuntos, como a morte. A morte é uma temática permeada por complexidades e as significações que assume para os homens são distintas. Desta forma, a manifestação da finitude

humana no espaço televisivo oferece uma riqueza de possibilidades para investigações acadêmicas.

A apresentação da morte no telejornal, com toda a sua complexidade, está impregnada de aspectos históricos que podem ser evidenciados na constituição discursiva. E os telejornais tem tido ressignificações e atualizações no decorrer de seu processo histórico. As transformações têm ligação com diversos fatores, como históricos, culturais e tecnológicos.

Vamos refletir sobre a apresentação da morte no Jornal Nacional levando em consideração o gênero televisivo como uma categoria de análise cultural e, também, vamos dispensar alguns olhares de ordem pragmática sobre a constituição do telejornal. Cabe destacar que concordamos com Gomes (2011a) quando ela diz que considera o Jornal Nacional como uma atualização do gênero “programa jornalístico televisivo” e do subgênero “telejornal”. E achamos relevante a perspectiva da autora (2011a, p.1): “Acreditamos que é preciso compreender o programa jornalístico televisivo como uma forma cultural específica de lidar com a notícia na TV”.

134

Gênero Televisivo

Um ponto basal para este artigo é o desenvolvimento de uma reflexão sobre gênero televisivo, pois estamos tomando o gênero televisivo como categoria de análise cultural como uma perspectiva analítica para este estudo. Gomes (2011a, p.3) destaca que o gênero é um produto da cultura e, desta forma, é “[...] contingente e transitório, um produto que se transforma ao longo do tempo e assume novos e diferentes sentidos em distintos momentos históricos brasileiros”. A autora reflete o gênero como olhar metodológico para análise da televisão e destaca que ele deve ser pensando como categoria de análise cultural:

Assim, no atual momento do nosso percurso de investigação sobre a televisão, construímos uma metodologia de análise de televisão que articula as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade, através do conceito de gênero televisivo pensado como uma categoria cultural. Acreditamos que, tomado como categoria cultural, o gênero permite a construção, também, de um protocolo analítico para análise de televisão que permita uma visão global e complexa do processo comunicativo. (GOMES, 2011a, p.4).

A partir da perspectiva de Gomes (2011a) de que o telejornal é produto da cultura e tem transformações, assumindo novos sentidos no decorrer do processo histórico, vamos discorrer sobre gênero televisivo.

Os gêneros televisivos são dotados de complexidades e carecem de diversas discussões relacionadas aos processos envolvidos, desde o contexto da produção até o âmbito do receptor dos produtos midiáticos. Ao refletir sobre gênero, Silva (2010) salienta que com a associação da perspectiva dos estudos culturais com os estudos de linguagem, os gêneros são formas culturais que estão sujeitas a alterações de fundo histórico-cultural. No olhar de Williams (1979), uma discussão sobre gênero (ele se referia aos literários) precisa levar em conta dois fatores:

[...] primeiro, a existência de relações sociais e históricas claras entre determinadas formas literárias e as sociedades e períodos nos quais foram originadas ou praticadas; segundo, a existência de continuidades indubitáveis nas formas literárias através e além de sociedades e períodos com os quais os produtos têm essas relações. (WILLIAMS, 1979, p. 182).

135

Ao fazer ponderações sobre gênero, Gomes (2007) destaca que reconhece, juntamente com Williams, que existem afinidades em nível social e histórico entre algumas formas culturais e as sociedades e os períodos históricos nos quais tais formas culturais são praticadas. No tocante à reflexão sobre gêneros, a autora salienta reconhecer que um gênero é uma forma de situar a audiência da televisão em relação a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá bases para a compreensão das regularidades e das especificidades presentes em produtos que se configuram historicamente. “[...] gênero televisivo é uma estratégia de comunicabilidade”. (GOMES, 2007, p.14).

Seguindo a perspectiva de que gênero situa a audiência e que é uma estratégia de comunicabilidade, vale resgatar a ponderação de Gomes (2007) de que investir em uma abordagem dos gêneros televisivos aponta no sentido da ultrapassagem da dicotomia entre análise do produto televisivo e análise dos contextos sociais em que ocorrem a sua produção e a sua recepção. E no caso de estudos de linguagem, significa ir além da noção de decodificação dos textos, ou de uma semiótica de códigos e significa pensar em lógicas mais próximas de uma pragmática da comunicação. Nesta linha de pensamento, a

autora aponta que focar a atenção ao gênero televisivo implica no reconhecimento de que o espectador realiza sua orientação com o programa que assiste e com o meio de comunicação a partir do reconhecimento do próprio gênero. “Os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, [...], na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido.” (GOMES, 2007, p.19).

Gomes (2011b) destaca a importância de um conceito de gênero que vá além das fronteiras textuais, mas que não as negue e não as recuse; e que permita a observação dos elementos contextuais do processo comunicativo. A autora acredita que tomando o gênero como uma categoria cultural, ele permite a construção de um processo analítico para o estudo de televisão que admita uma visão mais global e complexa do processo comunicativo como um todo. “Mas isso demanda um conceito de gênero em que este não apareça como uma entidade fixa, em que ele não seja apenas classificação ou tipologia da programação televisiva, mas que seja considerado como uma prática de produção de sentido [...]” (GOMES, 2011b, p.113).

No contexto de suas discussões sobre gêneros televisivos, Gomes (2011b) dá ênfase ao pensador Jesus Martín-Barbero dizendo que é nome fundamental para falar sobre assunto, devido a ele “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca.” (GOMES, 2011b, p.113). A autora acrescenta que Martín-Barbero toma o gênero televisivo como uma categoria cultural e oferece pistas importantes para a realização de reflexões sobre as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade.

E é através das ideias de Martín-Barbero que a pesquisadora salienta a forte relação entre televisão e cultura, enfatizando a grande vinculação, na obra *Dos meios às mediações*, dos gêneros com uma das mediações mais importantes formuladas pelo autor, que é a competência cultural, pois os gêneros vão permitir que se dê a compreensão das especificidades do cultural no massivo.

Vale destacar ainda que, para Gomes (2011b), o gênero não é apenas uma propriedade dos textos, ele é algo que vai além dos textos. O gênero não é somente uma estratégia relacionada à produção textual, mas ligada à produção e ao consumo de textos veiculados pela esfera da mídia.

Nas palavras de Silva (2005), o gênero é um elemento importante, que se põe entre o produto televisivo e o seu receptor no processo de recepção midiática. “O gênero televisivo se relaciona tanto com o campo da produção quanto com a recepção, influenciando nas expectativas criadas pela audiência quando colocada diante de um produto.” (SILVA, 2005, p.10). É o gênero que proporciona ao telespectador a oportunidade de posicionamento diante da escolha de sua programação; é através dele que o público vai decidir se quer contemplar um telejornal, uma telenovela, uma série, etc.

Gomes (2007) situa que voltar o olhar aos gêneros televisivos requer o reconhecimento de que o público orienta sua relação com o veículo de comunicação a partir das expectativas proporcionadas pelo próprio reconhecimento do gênero. Refletindo os gêneros televisivos, a autora salienta:

Os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, como a *ficção seriada* ou o *programa jornalístico*, na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido. No caso da recepção televisiva, por exemplo, os gêneros permitem relacionar as formas televisivas com a elaboração cultural e discursiva do sentido. (GOMES, 2007, 19).

137

Ao tratar de programas telejornalístico, Gomes (2007) os considera como uma variação específica na programação da televisão, compondo um gênero: programa jornalístico televisivo, que está impregnado de regras do campo jornalístico e, também, da TV. Entre algumas variações deste gênero, podendo ser chamadas de subgêneros, a autora cita os telejornais, os programas de entrevistas e os documentários televisivos. A autora salienta acreditar que a configuração de um gênero ou de um subgênero dentro da programação televisiva se dá na articulação entre os elementos da linguagem da TV, do fazer jornalístico e da representação da cultura. Neste contexto, Duarte (2007) explica gênero e subgênero:

Os traços categoriais de gênero seriam responsáveis então por um certo tipo de relação com o mundo, colocando à disposição do telespectador um certo nível ou plano de realidade e modo de ser, mobilizadores de crenças e saberes e condicionadores das expectativas e do prazer dos telespectadores. Já os subgêneros e formatos seriam responsáveis pelos percursos de configuração dessas realidades, ou seja, pelos seus procedimentos de colocação em discurso, projetando sobre essas categorias genéricas formas que as estruturariam, permitindo sua manifestação. (DUARTE, 2007, p.4).

Ao conceituar gênero, Duarte (2007) aponta como uma articulação de categorias semânticas que podem abrigar um conjunto amplo de produtos televisuais que partilham categorias comuns. “Os gêneros seriam modelizações virtuais, modelos de expectativa, constituindo-se em uma primeira mediação entre produção e recepção.” (DUARTE, 2007,p.5). A partir desta descrição, a autora aponta que o gênero na televisão seria da ordem da virtualidade, funcionando como uma articulação entre subgênero(s) e formato(s). Já os subgêneros podem ser considerados como formas de atualização de um gênero. A pesquisadora acrescenta que um subgênero dá mais informações que um gênero sobre determinado produto televisivo. Gomes (2007) salienta que, como virtualidade, o gênero se concretiza em programas específicos e, também, nos modos de endereçamento que cada programa estabelecer na relação com os espectadores.

A discussão sobre gênero televisivo (GOMES, 2007) dá subsídios para o reconhecimento dos diversos desdobramentos da morte no telejornal, dando parâmetros de análise e de reflexão sobre as suas especificidades nestes subgêneros. Vamos observar as regularidades e as especificidades presentes nas narrativas da morte apresentadas no subgênero telejornal, com foco no Jornal Nacional, considerando que tais regularidades e especificidades são constituídas no processo histórico.

138

A morte no Jornal Nacional

O JN foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969 e foi veiculado ao vivo, simultaneamente, para algumas capitais de estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. O telejornal foi uma estratégia da Rede Globo para competir com o *Repórter Esso*, da Tupi. Pouco tempo após entrar no ar, o JN já era líder em audiência no seu horário e maior destaque da programação jornalística brasileira. Fazia parte de um projeto de Walter Clark e de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho para fazer com que a Globo se tornasse a principal rede de televisão do Brasil. (MEMÓRIA GLOBO, 2005).

O JN é apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Mas tem tido reconfigurações em seu estilo no decorrer do seu percurso histórico. Ao falar do Jornal Nacional, Gomes (2011a, p.10) destaca:

Em sua história, a Rede Globo se construiu como exemplo de sofisticação e atualização tecnológica a serviço do jornalismo e o Jornal Nacional, como seu principal produto, ocupa posição de destaque em

relação à utilização de toda a variedade de recursos e inovações técnicas. Por isso o JN inclui, em praticamente todas as suas edições, entradas ao vivo de capitais brasileiras e de outros países.

Destacando as marcas do JN, Gomes aponta a notícia “imparcial”, *in loco* e ao vivo como características do telejornal. Ela salienta o uso de números e estatísticas, na maioria das vezes em forma de infográficos, como um fator recorrente no telejornal. A inserção do uso de recursos tecnológicos tem sido cada vez mais evidente no telejornal. A perspectiva de aproximação com o espectador tem sido marca do programa nos últimos anos. A postura mais informal dos apresentadores os deixa mais perto do público e com uma relação mais próxima com ele.

Avaliando os temas que têm espaço no Jornal Nacional, Bonner (2009, p.96) salienta que quanto maior for a gravidade de um fato, maior será a probabilidade de ele ser levado ao ar no JN. As palavras do apresentador demonstram que diferentes tipos de mortes têm lugar na rotina do JN. A finitude é assunto que permeia a história do Jornal Nacional. No site Memória Globo é possível encontrar a alusão a coberturas de morte que foram realizadas no decorrer da história do programa, como: a morte de Tancredo Neves e o falecimento de Carlos Drummond de Andrade, ocorridos na década de 1980; o caso Isabella Nardoni e o assassinato de Eloá Pimentel, que aconteceram na década de 2000; a tragédia da boate Kiss e a morte de Eduardo Campos, que se deram na década de 2010.

Da mesma forma que o JN foi se reconfigurando no decorrer de seu percurso, as coberturas de mortes realizadas no telejornal foram tendo algumas especificidades e mantiveram algumas regularidades. Para este estudo, vamos tomar uma amostra mais contemporânea do JN, focando nos casos: assassinato da adolescente de Santo André, Eloá Pimentel; morte do astro Michael Jackson; e tragédia da boate Kiss. As discussões serão embasadas em olhares para o gênero televisivo como categoria de análise cultural.

O caso Elá Pimentel no JN

Vamos nos focar na reflexão de como o subgênero telejornal, especificamente o Jornal Nacional, estruturou as narrativas sobre a morte no caso Eloá Pimentel, buscando verificar aspectos que foram recorrentes na cobertura e que merecem destaque.

No dia 13 de outubro de 2008, no município de Santo André no interior de São Paulo, Lindemberg Alves, na época com 22 anos, sequestrou a ex-namorada Eloá

Cristina Pimentel, 15 anos, mantendo-a como refém por mais de 100 horas. O final do episódio foi a morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por tiros disparados pelo rapaz.

O sequestro teve ampla cobertura televisiva. O sequestrador chegou a conversar ao vivo com a apresentadora de um programa de entretenimento pelo celular. No caso do Jornal Nacional, de acordo com o site² do telejornal, a cobertura do sequestro e da morte de Eloá rendeu ao JN uma indicação ao Emmy Internacional. Para este estudo, foram observadas três edições do Jornal Nacional, as quais foram ao ar nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 2008.

Como a morte da garota ocorreu no dia 18 de outubro, por volta das 23h30, que foi um sábado, o JN realizou uma grande cobertura³ ao episódio na semana seguinte. Na segunda-feira, dia 20 de outubro, a grande proporção do velório de Eloá; a doação dos órgãos da adolescente morta; o luto na escola onde ela estudava; a recuperação de Nayara Silva (que também foi vítima de Lindemberg e foi sequestrada e ferida junto com Eloá, mas resistiu aos ferimentos); a análise de peritos sobre a ação da polícia durante o período de sequestro e no seu desfecho; além do lamento dos parentes de Lindemberg sobre o fato ocorrido, fizeram parte dos assuntos abordados pelo telejornal.

Ao destacar as grandes proporções do velório, o luto gerado pela morte da adolescente e a doação dos órgãos, o JN aparece como um espaço de preservação do nome de pessoas que faleceram junto ao público.

Já na escalada, a então apresentadora do telejornal, Fátima Bernardes, deu destaque à abertura do velório ao público. O telejornal enfocou homenagens prestadas à adolescente falecida e deu destaque a doação de seus órgãos. Além de focar as qualidades da falecida para o público.

² <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/o-caso-elo.html>

³Ao falarem em cobertura jornalística em televisão, Emerim e Brasil (2011) a caracterizam como um trabalho de reportagem a ser realizado no local em que determinado fato ocorreu. Os autores refletem sobre a diferença entre uma grande cobertura em televisão e uma simples cobertura: "Assim, **uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas** ou, pelo menos, **as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta.** Porém, pode-se ter, também, uma grande cobertura – cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande – com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo" (EMERIM; BRASIL, 2011, p.4).

O Jornal Nacional do dia 21 de outubro, terça-feira, continuou discutindo o falecimento da adolescente de Santo André. Ganham destaque: o enterro da garota; as pessoas que receberam os órgãos doados; e o “bom” estado de saúde de Nayara Silva. Além disso, o JN fez um confronto de versões de policiais que estiveram envolvidos no caso.

No dia 22 de outubro, o Jornal Nacional também deu destaque ao fato de Nayara Silva ter dado alta do hospital. O telejornal enfatizou que Nayara deu seu depoimento à polícia. Também foi apresentado pelo jornal televisivo o que os vizinhos falaram sobre o período de cativo e sobre o trabalho da polícia.

Vale salientar que na cobertura do caso, recursos tecnológicos foram acionados para ilustrar a ocorrência da morte de Eloá, como o uso de recursos gráficos. Em diversas cenas da cobertura do JN ao assassinato, planos mais fechados foram utilizados. Desta forma, detalhes foram enquadrados. E lágrimas e expressões faciais foram enfocadas, demonstrando ao público as emoções geradas pelo falecimento da adolescente.

A cobertura convocou a presença de fontes especializadas, como de um perito, para explicar o desfecho do sequestro. Diversas fontes foram acionadas, mas a maior parte delas enunciou no sentido de destacar a vítima e condenar o criminoso. Assim, constata-se no discurso do JN a caracterização da vítima como alguém essencialmente boa, que gera benefícios à sociedade, inclusive depois do falecimento. Recebeu ênfase a doação dos órgãos: mesmo morta, Eloá proporcionou melhorias à qualidade de vida de outras pessoas e contribuiu para a sociedade. No ponto da doação de órgãos, é evocada a questão da preservação da memória da falecida.

Foram recorrentes na cobertura a espetacularização⁴ e a novelização⁵ do caso. Há um foco na demonstração de emoções e a realidade é evidenciada com detalhes

⁴Ao definir espetáculo, Requena (1988) salienta que infinitudes de atividades podem manter um espetáculo, como uma representação teatral, uma missa, uma apresentação de carnaval, um programa televisivo. Entre as representações que um espetáculo pode ter, vale ressaltar que ele relaciona dois fatores: uma atividade oferecida e um sujeito que contempla. A dialética entre esses dois elementos se materializa na forma de uma relação espetacular, que é definida por Requena como a interação que surge entre a relação de um espectador e de uma exibição que lhe é oferecida.

⁵Ao analisar a cobertura do Jornal Nacional ao caso *Pedrinho* (garoto localizado em 2002, dezesseis anos após ter sido sequestrado da maternidade em Brasília), Sousa Júnior (2006) elencou elementos nas reportagens que poderiam ser encontrados em narrativas de ficção televisiva: “As semelhanças com a narrativa de teleficção, entretanto, não são

“picantes”. Ao tratar do sequestro e da morte da adolescente de Santo André, o JN formou um “enredo” para levar ao ar os pontos mais marcantes do acontecimento.

Ao tratar do enterro de Eloá, o JN reiterou a dimensão de público no velório, enfatizou a cor do carro fúnebre, deu destaque a expressões e evidências corporais de sofrimentos de familiares e de amigos e, também, trabalhou sobre a lógica do “sonho destruído”, investindo nos sentidos da interrupção das aspirações de uma adolescente que foi morta tão cedo. Os sentimentos da mãe de Eloá foram “traduzidos” com riqueza de detalhes. A cena do enterro foi descrita com minúcia - da mesma forma que as atitudes de muitos dos presentes neste “evento”. Em alguns momentos, fica visível que a realidade foi retratada com diversos “artifícios espetaculares”.

O caso foi abordado pelo JN como uma espécie de novela, na qual o público foi convidado a acompanhar as cenas dos próximos capítulos. Tais capítulos tiveram personagens e deram suporte para que vários pontos sobre o tema fossem desenvolvidos em sequência, como: o velório e o enterro da adolescente, a comoção gerada pelo falecimento de uma garota popular entre os seus colegas de aula, a doação de órgãos e o trabalho realizado pela polícia.

Destaca-se que no decorrer das edições do JN observadas os sentimentos dos envolvidos no caso Eloá, como parentes e amigos da adolescente. Os sentimentos foram ritualizados e explorados de forma contundente. Choros, demonstrações de tristezas e de luto foram enfatizados e mostrados ao público repetitivamente. Desta forma, é possível visualizar o telejornal como um espaço para o choro da morte⁶ e preservação da memória do falecido.

aparentes e nem superficiais. Entre elas estão: a história contada aos pedaços (seriação); o envolvimento do narrador/repórter na própria narrativa; o registro de muitos personagens [...] e de diversos núcleos narrativos; a importância e o teor dos diálogos (geralmente editados e montados), que criam certo nível de tensão narrativa e possibilitam que a história seja contada não por meio de documentação, mas pela subjetividade dos personagens das reportagens” (SOUSA JÚNIOR, 2006, p.1998).

⁶Em um longo período da história, da Idade Média até o final do século XIX, a morte era contemplada e chorada em âmbito familiar e envolvendo o meio social em que o falecido estava inserido. O quarto de um moribundo, na Idade Média, era repleto de gente. A partir do século XIII, os funerais contavam com a presença de carpideiras, que davam ênfase ao ar dramático da despedida (ARIÈS, 2003). Com o decorrer da história, as manifestações de sofrimento foram sendo amenizadas. Ariès (2003) salienta que o luto praticado no século XIX hoje é visto como demasiado. Como o choro perante a morte foi perdendo evidência no cotidiano das sociedades ocidentais no decorrer da história, é

Morte de Michael Jackson

O falecimento do cantor Michael Jackson, em 25 de junho de 2009, teve espaço destacado nos veículos de comunicação. Os principais telejornais, em nível mundial, ocuparam sua pauta com o tema por vários dias. O Jornal Nacional deu amplo espaço ao caso e fez uma grande cobertura. Entre os pontos que o telejornal destacou estiveram a importância do astro para o meio musical; a apresentação de fãs e de artistas, dando depoimentos sobre Jackson; e a exploração de possíveis causas da morte do ídolo. As edições do telejornal dos dias 25 e 26 de junho de 2009 foram analisadas. No dia 25 de junho, data do falecimento, os apresentadores, Willian Bonner e Fátima Bernardes, e os correspondentes da Rede Globo nos Estados Unidos, na época, Giuliana Morrone e Rodrigo Bocardi, falaram sobre especulações acerca da morte do cantor. O falecimento, no entanto, só foi confirmado no final da edição. Neste dia, mesmo não tendo dominado a grade de conteúdo da edição, o cantor foi tema de boa parte do programa. Foi dada ênfase à sua importância no cenário musical, bem como para o público.

Já no dia seguinte, o principal assunto do JN foi a morte de Jackson. A edição do telejornal trouxe diversas matérias sobre o ídolo, mostrando principalmente o destaque do artista na cena musical mundial e a adoração por parte do público. Depoimentos de músicos, como os brasileiros Sandra de Sá e Gilberto Gil, e de pessoas comuns, falando sobre as qualidades do cantor, foram exibidos pelo telejornal. Cabe destacar que as falas enfatizando as qualidades do cantor são pontos importantes para a preservação de sua memória e para o realce de sua condição de ídolo musical.

É pertinente apontar como regularidade nas edições a ênfase às emoções geradas pela morte do cantor, tanto por parte do público como de pessoas conhecidas no meio artístico. Pontos controversos da carreira do artista também foram explorados pelo JN nos dois dias observados. As acusações de abuso sexual e de excentricidades foram destacadas.

pertinente, na atualidade, identificar na televisão um lugar público para demonstração de sentimentos de dor diante da perda.

O telejornal também polemizou sobre os motivos da morte do cantor e deu ênfase ao retrospecto do falecimento de Michael Jackson pelo mundo, demonstrando as emoções causadas pela morte de um ídolo.

No decorrer das edições observadas, a cobertura da morte do cantor teve como respaldo a utilização de imagens de arquivos de *shows* ocorridos em diferentes etapas da carreira do ídolo musical. O emprego de tais imagens, no decorrer da narrativa telejornalística dá mais emotividade ao contexto da reportagem.

Após a observação das duas edições do Jornal Nacional, fica confirmado que a cobertura da morte do cantor Michael Jackson teve marcas da espetacularização. Foi clara a evidenciação das emoções do público em geral, de artistas e de fãs. E houve uma demarcação exagerada de detalhes ligados ao fim da vida do cantor. O Jornal Nacional, ao tratar a morte de Jackson com tanta emotividade e de forma espetacular, pareceu tratar a finitude humana de forma festiva. Neste caso, da mesma forma que Eloá Pimentel, o telejornal apareceu como um espaço para o choro da morte em um contexto em que a morte é considerada interdita (ARIÈS, 2003) nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade.

144

Tragédia da boate Kiss

Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, centenas de jovens participavam de uma festa na boate Kiss. No evento, ocorreu um incêndio de grandes proporções, causado por um sinalizador luminoso disparado por um músico integrante da banda que animava a festa. O incêndio causou a morte de 242 pessoas. Em razão de o sinalizador não ser adequado para uso em ambientes internos, ao atingir o teto, o fogo proveniente do objeto se espalhou rapidamente. Como a casa noturna tinha apenas uma saída, o público teve dificuldade para deixar o local. Muitos morreram asfixiados pela fumaça tóxica liberada pela queima da espuma do isolamento acústico, outros foram pisoteados e mais de 600 pessoas ficaram feridas.

A tragédia da boate Kiss gerou grande comoção na cidade de Santa Maria e repercutiu no mundo todo. Pautou o cenário midiático nacional e internacional por vários dias. Teve espaço em jornais na internet, impressos, radiofônicos e televisivos. Além de delinear discussões nas redes sociais – comunidades virtuais foram criadas para reflexão sobre a tragédia e para preservar a memória das vítimas.

Na cobertura telejornalística, os principais telejornais do país fizeram reconstituições sobre o delineamento da tragédia e a forma dos acontecimentos durante aquela madrugada. Em relação ao Jornal Nacional, o site Memória Globo⁷, ao falar da cobertura da tragédia, destaca que as reportagens de José Roberto Burnier, Guacira Merlin, Cesar Menezes, Patrícia Cavalheiro e Kiria Meurer deram espaço para que os sobreviventes falassem, fizeram um acompanhamento do estado de saúde, nos hospitais, dos que ficaram feridos, cobriram os enterros das vítimas e acompanharam as investigações policiais, atentando para os primeiros olhares sobre as causas do incêndio.

Para o estudo, foram observadas as edições do telejornal dos dias 28 e 29 de janeiro de 2013. No dia 28, William Bonner foi até o município de Santa Maria e apresentou o telejornal, ao vivo, em frente ao local da tragédia. Entre os assuntos abordados no dia, destacam-se: a falta de portas de emergências na boate Kiss; a comoção gerada na cidade de Santa Maria; um resgate de tragédias em casas de festas ocorridas em outros países, como China, Rússia e Argentina; o estado de saúde dos sobreviventes; e a repercussão da tragédia nos jornais de outros países.

Na edição do dia 29 de janeiro, a tragédia também teve destaque na pauta do telejornal. Cabe ressaltar alguns pontos do ocorrido que fizeram parte do programa: o aumento no número de mortos na tragédia; homenagens feitas, nas ruas de Santa Maria, aos que vieram a óbito; a necessidade dos sobreviventes de transplante de pele; e o sofrimento de um pai que perdeu um filho em tragédia semelhante, na cidade de West Warwick, nos Estados Unidos.

Nas edições verificadas, os recursos tecnológicos foram utilizados para ilustrar pontos da tragédia. Na reportagem sobre a falta de saídas de emergência na boate, mostrada no dia 28, a apresentação de uma simulação do incêndio foi realizada em um espaço de nove metros quadrados, que foi montado pela produção do telejornal para representar o interior de uma casa noturna, com o mesmo revestimento usado na Kiss para isolamento acústico. Outro recurso tecnológico utilizado para simulação foi uma maquete virtual, por meio da qual foi demonstrada a forma como os jovens que estavam na casa de festas tiveram dificuldades de deixar o local somente com uma saída.

⁷ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/incendio-na-boate-em-santa-maria.htm>

Em reportagem sobre os enterros ocorridos na cidade de Santa Maria, apresentada no dia 28, a emoção dos presentes às cerimônias foi destacada; depoimentos, com demonstrações de tristezas, foram enfocados; e a história dos que faleceram teve espaço amplo. O repórter enfatiza a perspectiva do sonho destruído de forma precoce. A reportagem remete à preservação da memória dos falecidos.

Em relação às imagens, o uso de planos mais fechados ficou evidente no decorrer das edições analisadas. E imagens de arquivo também foram utilizadas. E, em relação às fontes, cabe mencionar que foram convocadas algumas especializadas para explicar pontos específicos da tragédia, como segurança pública. E que foram acionadas falas de pessoas ligadas às famílias das vítimas, de amigos e de moradores de Santa Maria (geralmente emocionados).

A tragédia mexeu, de forma considerável, com a vida em Santa Maria. Lojas ficaram fechadas e ruas ficaram vazias por vários dias. Ao falar na união da cidade de Santa Maria gerada pela tragédia, o telejornal remeteu à repercussão do ocorrido na vida da sociedade local. O telejornal destacou, no dia 28, a acolhida da população santamariense às famílias dos feridos e às pessoas que vieram de fora para prestar auxílio de diferentes formas. Do mesmo modo, enfatizou o trabalho das pessoas da cidade para dar assistência às famílias dos mortos. Na cobertura do programa jornalístico sobre a comoção gerada no município e a solidariedade de Santa Maria com as vítimas, a dor e a tristeza da população foram muito ressaltadas. As emoções tiveram espaço destacado. E o choro foi focado em muitos momentos.

Ao fazer um resgate de tragédias ocorridas em outros países, como na China, na Rússia e na Argentina, o Jornal Nacional do dia 28 fez um resgate da memória do público sobre fatos envolvendo a morte em massa de pessoas jovens em casas de festas. O resgate à memória e o levantamento histórico remeteram à lógica de que outras tragédias semelhantes já ocorreram em diferentes locais. Na reportagem do JN sobre essas tragédias, foi enfatizado o caso da boate Cromañón, da Argentina, que, em 2004, pegou fogo e vitimou 197 pessoas. Foi dado destaque ao relato emocionado de uma mãe argentina, que perdeu o filho naquele incêndio. A emoção prevaleceu nesta reportagem, que foi marcada pela evidenciação de traços de espetacularização.

O telejornal também resgatou a memória do público, no dia 29, em relação à tragédia ocorrida em uma boate na cidade de West Warwick, nos Estados Unidos. Neste caso, a dor de parentes de sobreviventes foi retratada. E o projeto de construção de um

memorial aos falecidos foi abordado. Nesta matéria, a necessidade de preservação da memória dos que faleceram é acionada. E a narrativa também foi conduzida de forma a evocar recursos da espetacularização midiática.

Na reportagem sobre homenagem feita aos mortos, levada ao ar no dia 29, os sentimentos dos que perderam parentes e amigos ganham ênfase; o choro dos entrevistados é captado em planos próximos; e o derramar de lágrimas (enfocando o sofrimento dos que perderam uma pessoa querida) é mostrado em muitos momentos. As homenagens aos mortos (com exibição de fotos, flores e bilhetes com mensagens) levantam a perspectiva de preservação do nome dos que morreram e de eternização de tais nomes no contexto da sociedade de Santa Maria.

É clara a evidenciação dos sentimentos e da comoção das pessoas enfocadas na narrativa telejornalística do JN na cobertura à tragédia da Kiss. É notabilizado o choro dos familiares, de pessoas próximas aos mortos e de toda a sociedade santa-mariense. Para a demarcação do sentimento de tristeza das pessoas envolvidas na narrativa e para a evidenciação de alguns detalhes da tragédia, planos próximos foram utilizados, destacando a dor e o luto. A espetacularização foi fortemente marcada no decorrer das reportagens.

Com a observação de duas edições do JN na cobertura da tragédia da Kiss, cabe demarcar que a espetacularização no contexto do telejornal ficou evidente; que as reportagens apresentadas tiveram um foco nas emoções dos que estavam diante da perda; e que a preservação do nome dos mortos foi constantemente reafirmada, acionando recursos de memória. Nesta cobertura, como ocorreu no caso da morte do astro musical Michael Jackson e no assassinato de Eloá Pimentel, o telejornal pode ser considerado como um espaço para o choro da morte. A morte, considerada interdita no cotidiano do ocidente na atualidade, foi acionada de forma emotiva no Jornal Nacional, que acabou sendo um palco para a demonstração de tristezas diante do fim da vida.

Considerações finais

Para finalizar esta breve reflexão sobre as coberturas do subgênero telejornal, especificamente do JN, ao assassinato da adolescente de Santo André, Eloá Pimentel; à morte do astro Michael Jackson; e à tragédia da boate Kiss, com ênfase no olhar sobre regularidades e especificidades nas coberturas dos casos, cabe fazer algumas ponderações sobre a configuração das narrativas da morte na cena do telejornal. Por

mais que haja uma complexidade relacionada à morte e à sua transmissão na cena do telejornal, algumas perspectivas se fazem hegemônicas quando refletimos o tema.

Cabe destacar que é recorrente caráter sensacional e espetacular que envolve a exposição da morte no telejornalismo. Normalmente, há uma maximização de singularidades e especificidades da morte, que são exploradas de forma espetacularizada. Em algumas situações de morte, é comum a demarcação exagerada de alguns detalhes do caso.

Com a realização deste estudo, observamos que a morte no espaço do telejornal sofreu ressignificações, mas manteve regularidades de um caso para o outro. Considerando a amostra estudada, alguns pontos podem ser considerados comuns na apresentação da morte no telejornalismo, pois foram verificados nos três casos verificados:

- Exposição detalhada das condições que levaram à morte;
- Espetacularização dos casos;
- Caracterização positiva da imagem dos mortos;
- Apresentação da repercussão da morte na vida social;
- Atualização da memória e resgate da história de mortes que se deram em condições semelhantes;
- Uso de enquadramentos mais fechados, o que gera a perspectiva de espetacularização.
- Acompanhamento do desdobramento dos fatos por meio de suítes;
- Destaque ao luto dos familiares e amigos daqueles que se foram;
- Abordagem da trajetória de vida daqueles que pereceram.
- Preservação da memória dos mortos no espaço social.

A apresentação da morte no espaço do Jornal Nacional tem sua constituição com relações ao momento histórico do telejornal e a questões culturais. Mostramos a apresentação de três casos de morte mais contemporâneos e observamos que diversos aspectos foram acionados nas coberturas, ocorrendo algumas continuidades e, também, ressignificações. Desta forma, é pertinente finalizar com o olhar de Gomes (2011a) para o Jornal Nacional, assinalando que o telejornal é um produto da cultura, é contingente e transitório e assume significações diferentes no decorrer do processo histórico.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.132 –150. Jul/Dez 2017.

BARBOSA, Marialva. Televisão, narrativa e restos do passado. **ECompós**. V.8, p.1-21, abril 2007.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

DUARTE, Elizabeth Bastos. Televisão: entre gêneros, formatos e tons. In: XXX Congresso Brasileiro de ciência da Comunicação, 2007, Santos. **Anais**. Santos: Intercom, 2007.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais**. Recife: Intercom, 2011.

FECHINE, Yvana. **Uma proposta de abordagem do sensível na TV**. In: XV Encontro da Compôs, 2006, Bauru. **Anais**. Bauru: Compôs, 2007.

GOMES, Itania. Estabilidade em Fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **Anais**. Recife: Intercom, 2011a.

GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2011b.

GOMES, Itania. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. p. 1-31, abril de 2007.

GOMES, Itania; MENEZES, Mariana. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. **Animus**. V.13, p.1-20, abril 2008.

LEAL, Bruno; ANTUNES, Eltom. O testemunho midiático como figura de historicidade: implicações teórico-metodológicas. In: 24º Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação, 2015, Brasília. **Anais** 24º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília: Compôs, 2015.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. In: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2016, às 10h.

MEMÓRIA GLOBO. **Incêndio na boate em Santa Maria.** In: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/incendio-na-boate-em-santa-maria.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2016, às 20h.

REQUENA, Jesus González. **El discurso televisivo:** espetáculo de la posmodernidad. Madrid: Catedra, 1988.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Fernanda Maurício. **A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos.** 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SILVA, Fernanda Maurício. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento.** 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

SOUSA JUNIOR, Walter. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. **Comunicação & Educação.** Ano XI, n.2, p.197-206, maio/agosto 2006.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WILLIAMS, Raymond. The technology and the society. In: WILLIAMS, Raymond. **Television technology and cultural form.** London: Routledge, 1997. p. 9-31.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

Recebido em: 14/02/2017

Publicado em: 01/12/2017